

## Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929)

José Inácio de Melo Souza

Parceria AHMWL /DPH/ SMC/ PMSP e Cinemateca Brasileira  
Programa de Pós-Doutorado – Bolsista do CNPq-Brasil

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>  
<http://www.cinemateca.org.br>

**Código:** 00465  
**Denominação padrão:** REPÚBLICA

Antigo Skating inaugurado em 27/12/1912 na praça da República, 50, de propriedade da Companhia Sport e Atrações para a exploração de patinação e exposições cinematográficas. Posto em locação, teve diversos usos esporádicos (exposições, festas, etc). Uma das utilizações foi para uma reunião de fundação do escotismo no Brasil, em 1914, que valeu a colocação de um busto em bronze dedicado à Baden Powell na praça da República, em frente ao cinema, quatro décadas depois, esculpido por Vicente Laroca. Durante o ano de 1915 funcionou com a denominação de Gaumont. Foi nessa situação de locação temporária que surgiu a Ford Motor Co.

A montadora tinha seus maiores negócios na Argentina. Por decisão da diretoria em Detroit transferiu-se o capital de US\$ 25,000 (vinte e cinco mil dólares) para o Brasil, assim como os gerentes E. A. Evans e Benjamin Kopf. Presume-se que por volta de 1919, com outros 12 funcionários, abriu-se a filial brasileira na rua Florêncio de Abreu, iniciando-se a montagem dos modelos Ford T e caminhões Ford TT. Consta que no primeiro ano de atividades foram vendidos 2.447 automóveis montados em São Paulo.

A Cia. Sport e Atrações alugou o imóvel para a Ford. Em 18/8/1919 a montadora de automóveis entrou com pedido para a abertura de uma claraboia de 3 x 12 m, fornecendo como endereço a praça da República, 48. Logo depois, em novembro, Carlos Eckman pediu na Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura para instalar um forno movido a óleo para pintura a esmalte no número 50 da praça. Como era obra de pequeno valor, deu-se o alvará em 2/12/1919 (nº. 2727), pagando-se a taxa de Rs 30\$000 (trinta mil réis) pela guia nº. 3156. A Ford permaneceu com a linha de montagem por pouco tempo na praça da República, já que se transferiu em 1921 para a fábrica da rua Solon, 809, Bom Retiro, onde permaneceu até 1951, quando se instalou no Ipiranga, na antiga rua Um, junto aos trilhos da estrada de ferro Santos-Jundiaí.

O prédio foi vendido para Lupercio Teixeira de Camargo, um dos sócios da Sociedade Cinematográfica Paulista Ltda., por Rs 400:000\$000 (quatrocentos contos de réis). Gerindo o negócio exibidor estava o jornalista e gerente da Sociedade, João de Quadros Júnior, que atuaria dois anos depois da mesma forma, fazendo a passagem de um café para cinema com o Triângulo.

Em 14/9/1921 o engenheiro arquiteto W. Fillinger, com escritório na rua 15 de Novembro, 41, 2º. andar, entrou com um pedido de reforma do antigo Skating, omitindo-se que o último locador tinha sido a Ford. O endereço da praça da República, 46-50, voltava a ser cinema, listando-se vinte itens para colocá-lo como tal. Pelo pedido verificamos que a Ford deve ter alterado pouco o imóvel, posto que se pedia a raspagem do assoalho de madeira do antigo ringue de patinação, modificações nas aberturas das portas, renovação de azulejos e ladrilhos nos banheiros, reforma no telhado, trocando-se telhas Eternit quebradas, decoração adequada e, principalmente, construção de uma cabine de projeção direta para dois

## Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929)

José Inácio de Melo Souza

Parceria AHMWL /DPH/ SMC/ PMSP e Cinemateca Brasileira  
Programa de Pós-Doutorado – Bolsista do CNPq-Brasil

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>  
<http://www.cinemateca.org.br>

projetores. O processo foi analisado pelo auxiliar J. Silveira que avaliou dez dias depois da entrada do processo que as “obras projetadas visam adaptar o antigo ‘Skating’ a um luxuoso e confortável cinema. Como se poderá ver, das plantas e memorial juntos, o atual edifício, após os trabalhos projetados, virá apresentar todas as condições requeridas pelo Ato 1.235 nos seus artigos 162 a 180, pelo que pode ser concedida a licença para as obras de adaptação sugeridas”. O alvará nº. 4077 foi concedido em 28 de setembro, pagando-se a taxa de Rs 30\$000 pela guia nº. 4019. Previa-se, no primeiro momento, 48 camarotes com 224 lugares, 40 frisas para 210 espectadores, anfiteatro com 376 cadeiras e plateia para 1.020 espectadores, isto é, uma lotação de 1.830 pessoas. Fillinger entrou com plantas em substituição em 15 de dezembro do mesmo ano, mas as alterações eram mínimas.

A inauguração do Cine-Teatro República começou a ser anunciada pela imprensa em 21 de dezembro, ou seja, três meses depois da entrada do projeto de reforma (na verdade, iniciadas em 10 de outubro as reformas teriam durado 80 dias, menos de três meses). Uma matéria de *O Estado de S. Paulo*, publicada dois dias antes da inauguração, destacava o papel de João Quadros Júnior: “Deixou a imprensa, desistiu da mania de fundar o vespertino ‘A Noite’ e, tendo criado juízo, achou-se à testa de uma grande empresa cinematográfica, destinada a por num chinelo todas as casas que exploram esse gênero de diversão nesta capital. Queremos referirmos à Sociedade Cinematográfica Paulista Limitada, da qual fazem parte distintos capitalistas, que em boa hora resolveram acabar com o irritante monopólio do truste que açambarcou em São Paulo a exibição de fitas, explorando o público em sua bolsa”. No seu estudo sobre o República, Ricardo Mendes notou entre as modificações a “redução do salão em cerca de trinta por cento, constituindo a caixa do palco e a boca de cena com espaço para orquestra, além da construção da cabine de projeção. Acrescente-se ainda a construção de frisas e camarotes substituindo o desenho improvisado do projeto original, conforme indicam as pranchas relativas ao Skating”. Uma matéria de *O Estado de S. Paulo* do dia da abertura detalhou as modificações: “O primeiro trabalho a fazer para adaptação do salão, que comporta nada menos de mil pessoas e está mobiliado com ricas e cômodas poltronas, foi o levantamento do assoalho. Isso feito, foram iniciadas as obras para as frisas e camarotes, sendo as primeiras em número de quarenta e os segundos em número de quarenta e dois. [...] O lugar reservado à orquestra, à semelhança do que se fez no Teatro Municipal, fica em plano muito inferior ao nível do assoalho, de forma que não se vejam os músicos, tendo as paredes revestidas de madeira seca, necessárias à acústica. O palco, situado na parte que dá para a rua Aurora, tem uma boca de doze metros, medindo a caixa dezoito de fundo por vinte e sete de largura. No lado oposto, à entrada, fica a ‘cabine’ onde funcionarão dois possantes aparelhos ‘Simplex’. [...] Ao lado esquerdo, um gabinete de ‘toilette’ para senhoras, dispondo de uma sala ricamente mobiliada para palestra. [...] Pouco além, um salão de barbeiro e engraxate [...]”. Pela descrição, o República tomava como modelo os grandes cinemas norte-americanos que tinham incorporado vários serviços para os seus frequentadores como sala de estar nos banheiros, berçário, serviços de engraxate e barbearia.

2 / 5

## Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929)

José Inácio de Melo Souza

Parceria AHMWL /DPH/ SMC/ PMSP e Cinemateca Brasileira  
Programa de Pós-Doutorado – Bolsista do CNPq-Brasil

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>  
<http://www.cinemateca.org.br>

O filme de abertura foi da Paramount Pictures, *Macho e fêmea* (Male and female), estrelado por Gloria Swanson e Thomas Meighan, com direção de Cecil B. DeMille, curiosamente uma produção de 1919 (talvez o erotismo do tema tenha atrasado o lançamento no Brasil). A estreia se deu em 29/12/1921, com a presença de Washington Luiz, omitindo-se da programação o lançamento do primeiro cinejornal da Rossi Filme, produção da empresa Medina, Zambrana e Rossi (José Medina, Gilberto Rossi e um espanhol rico, segundo Maria Rita Galvão, logo posto fora da sociedade assim que o primeiro conseguiu uma subvenção do governo para o cinejornal, Felix Zambrana Valle). A produtora paulista veio a público dois dias depois agradecer e desejar prosperidade à exibidora à qual estaria ligada nos dez anos seguintes. Os ingressos custavam Rs 9\$000 (nove mil réis) para frisas e camarotes, Rs 1\$600 (mil e seiscentos réis) para as poltronas da plateia e lugares nas galerias por Rs 800. A orquestra era dirigida pelo maestro Martinez Grau, contando com um naipe de 15 “professores”.

O registro do nome Cine-Theatro República foi pedido em maio de 1922 à Junta Comercial.

Lupercio também era proprietário de um terreno ao lado do cinema. Por meio do escritório de Fillinger, engenheiro especializado em estruturas de concreto armado, entrou com um pedido em 16/6/1922 para a construção de um “salão de espera” no número 44, com fundações suficientemente seguras para a edificação posterior de um prédio. O novo espaço de 280 m<sup>2</sup> seria o pavimento térreo de um “grande edifício destinado para apartamentos, cuja construção será executada em prosseguimento das obras do salão [...]”. Em dezembro, o mesmo engenheiro arquiteto construiu nos fundos uma copa e cozinha com 40 m<sup>2</sup>, destinadas ao serviço de chá da sala de espera, mais tarde também com bar. O prédio para 36 apartamentos foi construído nos anos seguintes, recebendo o nome de Palacete Campinas, com sete andares e um ático, contendo dois quartos, cozinha, banheiro e sala de jantar. Em 1925 o edifício projetado por W. Fillinger já estava totalmente alugado. O quinto andar chegou a ser sede da SPAM-Sociedade Pro Arte Moderna em 1933, entidade com objetivos vanguardistas reunindo pintores como Lasar Segall, por exemplo.

O República sofreu poucas alterações nos anos seguintes. Uma menor foi para a colocação de duas grades de ferro na calçada com o objetivo de organizar as filas das bilheterias (o engenheiro Arthur Saboya foi contrário à ocupação do passeio em março de 1924, sendo contrariado pelo diretor da Diretoria de Obras e Viação, Victor da Silva Freire). Nesse momento ele estava sendo gerido pela Empresas Cinematográficas Reunidas Ltda. A lotação declarada era de 2.092 espectadores, distribuídos por 1.000 lugares na plateia, 240 poltronas nas frisas, 252 poltronas nos camarotes e 600 lugares nas galerias. Maior foi a alteração da cabine de projeção em 4/5/1929, empreendida também por Fillinger. Para a transformação do República em cinema sonoro precisou-se derrubar paredes, renovar o revestimento interno e externo da cabine com “placas americanas” de “celotex” de 12 mm (isolante sonoro), acrescido de chapas de amianto e externamente de massa de amianto; ladrilho cerâmico no piso e uma porta de ferro, inferindo-se que o cinema estava irregular quanto a este aspecto desde 1921. Georges Corbisier assinou o alvará nº. 878, série 3, em 15/6/1929, com a guia nº. 2932 no valor de Rs 96\$000

3 / 5

## Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929)

José Inácio de Melo Souza

Parceria AHMWL /DPH/ SMC/ PMSP e Cinemateca Brasileira  
Programa de Pós-Doutorado – Bolsista do CNPq-Brasil

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>  
<http://www.cinemateca.org.br>

(noventa e seis mil réis). O República passou a ser o terceiro cinema sonoro da cidade, depois do pioneiro Paramount (13/4/1929), seguido pelo Odeon (11 de junho, somente na Sala Vermelha), com aparelhos para vitafone e movietone (segundo o jargão da época: para filmes “falados” e “sincronizados”) fornecidos pela Western Electric Co. A película de estreia em 6 de agosto foi *Boêmios* (Show boat, 1929), da Universal.

A passagem para o sonoro não trouxe benefícios para o cinema. Possivelmente ele deve ter funcionado até setembro de 1931, quando a entrada custava Rs 15\$000 (quinze mil réis) para frisas e camarotes, 3\$000 (três mil réis) para as poltronas, meia entrada a 1\$500 (mil e quinhentos réis) e Rs 1\$000 (mil réis) a galeria (na época, um cinema mais popular, como o Coliseu Paulista, cobrava a metade e um superior, como o Paramount, quase o dobro). Em novembro foi pedida a reversão, pela segunda vez, em rinqe de patinação (reforma encaminhada novamente por Fillinger), agora para o herdeiro de Lupercio, Eliseu Teixeira de Camargo. Demoliu-se o palco, reconstruiu-se a antiga pista de patinação, renovando-se o assoalho do piso (alvará de 1/12/1931). Dois anos depois o República voltou à atividade como cinema, agora sob a orientação da Empresa Cine Brasil Ltda., em locação. A Cine Brasil, com endereço no prédio Martinelli, 5º. andar, controlava o Rosário, Alhambra, Paratodos e o Coliseu Paulista. O palco demolido foi reconstruído, visando a sustentação da tela e colocação das cornetas dos alto-falantes. Desta vez, Fillinger não assinou o projeto, que esteve a cargo do antigo desenhista da 2ª. Seção da Diretoria de Obras, João Bertachi, e do arquiteto Francisco Antonio Giorgi (alvará nº. 486, série 3, de 30/5/1933). A reabertura se deu em 6/5/1933 com o trepidante filme policial da Warner Bros. *O Fugitivo* (I am a fugitive from a chain gang), com Paul Muni. As sessões eram duas (19:30 e 21:30 horas) e os ingressos custavam Rs 3\$000 (três mil réis) para as poltronas, com frisas e camarotes a Rs 18\$000 (dezoito mil réis).

Mas o República tinha entrado em decadência irreversível. Em 1936 foi novamente fechado, reabrindo em 11/1/1937 como repartição pública: posto de arrecadação da Fazenda do Município (transferido da rua do Carmo, 18) e Recebedoria de Rendas do Estado (agrupando as agências da Sé, Santa Ifigênia e Brás).

Com a desativação da agência coletora da praça da República em 1949, possivelmente transferida para o novo edifício da Secretaria da Fazenda na avenida Rangel Pestana, os artistas se mobilizaram para que o República voltasse à antiga vocação no mundo dos espetáculos. Nino Nello, presidente da Comissão de Teatro e Circo da Casa dos Artistas, encaminhou carta ao prefeito Armando de Arruda Pereira para que ele fosse adaptado para teatro. Quem venceu a disputa, entretanto, foi Paulo Barreto de Sá Pinto (Paulo Sá Pinto), proprietário da Empresa Cinematográfica Sul Ltda.

Por intermédio do proprietário do imóvel, pretendeu-se somente uma reforma, mas o pedido foi indeferido em 12/5/1950. Eliseu Teixeira de Camargo entrou com um pedido de reconsideração em 20 de junho para a demolição total do existente e reconstrução de uma área de 830 m<sup>2</sup>, com 31,5 m de frente para a praça e rua Aurora. O alvará nº. 31859 foi concedido em 16/11/1950, destruindo-se completamente um precioso exemplo arquitetônico de 1912. A reabertura se deu em 20/4/1952 com o cinema convertido somente em plateia, porém com uma das

4 / 5

## Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929)

José Inácio de Melo Souza

Parceria AHMWL /DPH/ SMC/ PMSP e Cinemateca Brasileira  
Programa de Pós-Doutorado – Bolsista do CNPq-Brasil

<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>  
<http://www.cinemateca.org.br>

“maiores telas do mundo”, como gostava de ser anunciado. No domingo se exibiu especialmente o filme da 20th Century Fox, *A Vida secreta de Nora* (Half Angel), do obscuro Richard Sale, com sessões corridas das 14 às 22 horas, seguindo na segunda-feira com *Senhor 880* (Mister 880), dirigido pelo premiado Edmund Goulding.

Condenado pelo trem metropolitano, a Empresa Sul começou a demolir o cinema em 1971, dando lotes de poltronas do República para o pagamento de débitos junto à Fazenda Municipal. Em 1956 consta que a lotação do cinema era de 2.254 pessoas.

A última sessão deu-se às 21 horas, com o filme *Guerra nas estrelas*, em 28/5/1978 (anúncios ainda foram publicados nas colunas especializadas até primeiro de junho). Depois disso a Empresa Sul entregou o edifício para a construção da estação República da Companhia do Metropolitano de São Paulo.

José Inácio de Melo Souza